

CONFLUÊNCIAS INTERSECCIONAIS NO MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS: LEGADO DA LUTA EM DIMENSÕES ESPACIAIS POLÍTICAS EM MARCHA

Ana Beatriz da Silva ¹

Orientador: Valter do Carmo Cruz²

RESUMO

O presente texto tem como objetivo deste artigo é refletir sobre a categoria da interseccionalidade em termos históricos, geográficos, metodológicos e epistemológicos e de como essa categoria reformula criticamente as espacialidades das ações políticas e mobilizadoras das mulheres negras organizadas politicamente no Estado do Rio de Janeiro e, de como elas são produtoras do espaço, a partir das dimensões espaciais construídas pelas articulações, experiências e vivências construídas nas Marchas das Mulheres Negras realizadas na Praia de Copacabana na cidade do RJ entre os anos de 2015 a 2019. Nesta perspectiva, as questões teórico-metodológicas foram suscitadas a partir de uma metodologia qualitativa, com levantamento e revisão bibliográfica do tema, investigação militante, em compreensão a “geograficidade do movimento social” e a espacialidade das ações do Movimento de Mulheres Negras organizadas em escalas de ações políticas, a partir de reflexões acerca do feminismo negro, interseccionalidade, Geo-grafias Negras e geo-grafias das ações na perspectiva do espaço. A multidisciplinaridade será uma constante neste trabalho, pois para a compreensão do espaço geográfico, é necessária uma inter-relação epistemológica entre diferentes áreas do conhecimento. Sugere-se que a interseccionalidade mobiliza a dimensão racial do espaço formuladas pelas mulheres negras organizadas em gestos interseccionais analíticos nas lutas sociais, para horizontes de uma geo-grafia descolonial advinda do movimento social de mulheres negras do Brasil.

Palavras-chaves: Geografias Negras; Interseccionalidade; Práticas espaciais; Movimento de Mulheres Negras; Movimento social

ABSTRACT

The aim of this text is to reflect on the category of intersectionality in historical, geographical, methodological and epistemological terms and how this category critically reformulates the spatialities of political and mobilizing actions of black women organized politically in the State of Rio de Janeiro and , of how they are producers of space, based on the spatial dimensions constructed by the articulations, experiences and experiences constructed in the Black Women's Marches held on Copacabana Beach in the city of RJ between 2015 and 2019. From this perspective, the theoretical questions -methodological were raised from a qualitative methodology, with a survey and bibliographical review of the topic, militant investigation, in

¹ Doutoranda em Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF), Prof.^a Substituta de Geografia do CAP-UERJ, Coordenadora de pesquisa e campo no Instituto Casa das Pretas/RJ, Pesquisadora-Associada da Educação Básica na Uniperiferias e Ativista do Movimento de Mulheres Negras no Brasil. E-mail:an_silva@id.uff.br.

² Professor Adjunto Doutor em Geografia na Universidade Federal Fluminense(UFF) do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF. E-mail: valtercruz@id.uff.br

understanding the “geographicity of the social movement” and the spatiality of the actions of the Black Women's Movement organized into scales of political actions, based on reflections on black feminism, intersectionality, Black Geographies and geographies of actions from the perspective of space. Multidisciplinarity will be a constant in this work, as in order to understand geographic space, an epistemological interrelationship between different areas of knowledge is necessary. It is suggested that intersectionality mobilizes the racial dimension of space formulated by black women organized in analytical intersectional gestures in social struggles, towards horizons of a decolonial geography arising from the social movement of black women in Brazil.

Keywords: Black Geographies; Intersectionality; Spatial practices; Black Women's Movement; Social movement.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma discussão voltada para o que Muniz Sodré (2021) denomina como ponto de vida que, é a experiência do próprio pesquisador/a na escrita da História. Como mulher negra pesquisadora acabo por me ver nesse lugar, refletindo as espacialidades construídas pelas ações, mobilizações, experiências, confluências e produções de saberes e conhecimentos das mulheres negras e suas ressignificações no espaço-tempo da diáspora afro-latino-americana ainda no século XX, avançando até os dias atuais nas mais variadas escalas de ações políticas, sejam elas, locais, estaduais, nacionais ou globais.

Deste modo, trago para este trabalho, meu lócus de enunciação³, um ponto de vista feminista negro, decolonial para entendermos como é importante me situar neste trabalho; uma mulher negra, mãe, filha, irmã, tia, sobrinha, companheira, amiga, estudante, professora/educadora, pesquisadora, militante dos direitos humanos das mulheres, devota da boa-fé, que fala do lugar social de uma “outsider within” (COLLINS, 2016) na academia.

Nesse contexto, assumir tal posição epistemológica significa aprender, reaprender, desaprender, recusar, reconstruir, e desafiar a certeza desta sociedade moderna “em colonialidade” de sua neutralidade, imparcialidade, racionalidade e objetividade científica como parâmetros de validação científica, teórica, conceitual. Essa certeza corrobora, prolonga e perpetua o eurocentrismo, o colonialismo e, consequentemente/paralelamente, a

³ O essencial aqui é o lócus de enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo político do/a sujeito/a que fala. Na filosofia e nas ciências ocidentais, aquele que fala está sempre escondido, oculto, apagado da análise. Assim, o lugar epistêmico étnico-racial/gênero/sexual/gênero e de sujeito enunciator encontra-se, sempre, desvinculado (GROSFOGUEL, 2008, p. 119) desse lugar de enunciação.

desigualdade, a exclusão, o racismo, o machismo, o sexismo, o patriarcado, a homofobia, a transfobia, a cis heteronormatividade e as opressões que a colonialidade impõe, tais como: do poder, do ser, do saber, de gênero e da natureza.

Assim, refletir e compreender as ações sociais, políticas e mobilizadoras produzidas através de práticas espaciais⁴ (SOUZA, 2013), reformuladas com estratégias, organizativas e mobilizadas por mulheres negras politicamente organizadas, ativistas/militantes, intelectuais orgânicas⁵ que possuem uma agenda política, social, cultural de sentidos e poder, que se relacionam profundamente com o feminismo negro⁶, como considera Patrícia Hill Collins (2020) de reconhecer a si e as outras mulheres negras como sujeitas de conhecimentos, de teorias e práticas/práxis críticas; do uso da experiência vivida como critério de significação e ressignificação; o uso do diálogo e da escuta para avaliar o conhecimento; a ética do cuidado, do afeto e da responsabilidade pessoal e coletiva; e a busca de caminhos alternativos às verdades universais.

O objetivo deste texto é refletir sobre a categoria da interseccionalidade em termos históricos, geográficos, metodológicos e epistemológicos e de como essa categoria reformula criticamente as espacialidades das ações políticas e mobilizadoras das mulheres negras organizadas politicamente no Estado do Rio de Janeiro e, de como elas são produtoras do espaço, a partir das dimensões espaciais políticas construídas pelas articulações, experiências e vivências construídas pelas Marchas das Mulheres Negras realizadas na Praia de Copacabana na cidade do RJ entre os anos de 2015 a 2019.

METODOLOGIA

Neste percurso e orientação, sob a formulação das questões teórico-metodológicas, partiu-se de uma metodologia qualitativa, de observação participante, em que utilizo o método

⁴ A compreensão sobre a prática espacial realizada pelas mulheres negras politicamente organizadas neste texto, coaduna com o que afirma Marcelo Lopes Souza, de ser “uma prática social” (2013) e que não existe práticas espaciais que não sejam sociais independentes do espaço.

⁵ Tal conceito tem inspiração em “intelectual orgânico” de Antônio Gramsci (1891-1937).

⁶ O feminismo negro, apesar de ter o racismo como importante eixo de discussão e fundante, também incorpora a ideia de que há uma pluralidade de experiências de opressão racista, machista e sexista, e que isso deveria estar na base da compreensão da vida das “mulheres de cor”. Esta denominação passou a ser utilizada no movimento de feministas negras a fim de constituir uma diferença entre mulheres negras, brancas e as não brancas que ainda não estavam contempladas nas discussões do movimento, em geral imigrantes de ex-colônias asiáticas, latinas e africanas. (SILVA & SILVA, 2014, p.27)

da investigação militante (BARTHOLL,2018) em que o sujeito investigador considera sua trajetória tanto na participação em lutas sociais, como em processos de elaboração teórica e ação política para uma geo-grafia negra em movimento e emancipatória “desde dentro”. Salientamos como enfatiza Maria Eugenia Borsani (2011, pág.34) “[...] não há possibilidade de um único desenho e/ou protocolo metodológico quando se trata de abordagens decoloniais”. E, portanto, é imprescindível pensar, agir, investigar e acreditar nessa construção epistêmica de disputa de sentidos.

Isto posto, a partir de uma referência às Geo-grafias Negras estabelecidas em Geny Guimarães (2020), que nos ajuda a pensar de maneira coletiva na corporeidade investida das mulheres negras politicamente organizadas do Movimento de Mulheres Negras no espaço geográfico, através dos caminhos percorridos por elas em suas ações sociais e políticas, por meio de entrevistas semiestruturadas, história de vida, com uma etnopostura, escuta sensível, dialógica e de forma sentipensante.

De fato, isso nos auxilia a compreender, o Movimento de Mulheres Negras aponta configurações socioespaciais por meio das experiências, vivências e mobilizações, que são atravessadas por “interseccionalidades e relacionalidades”, indispensáveis à conjuntura sociopolítica de impedimentos e de lutas sociais travadas por esses “corpos políticos” (CRENSHAW,2002, COLLINS, 2020, BUTTLER, 2008).

Buscou-se levantamentos bibliográficos e de referenciais teóricos que versam sob reflexões críticas e teóricas originadas no Sul Global pós-colonial, baseadas em um pensamento outro, na edificação de uma geo-grafia descolonial e da ação conforme Renato Emerson Santos (2015) ao afirmar que a partir da ação e mobilização no processo político das construções de agendas reivindicativas, pelo movimento social, há em curso “uma geografia da ação, centrada no suporte conceitual da escala política, que nos auxilia ao entendimento da emergência de políticas de combate ao racismo no Brasil contemporâneo” (SANTOS,2015, pág.79). Em particular, para as políticas públicas voltadas para as mulheres negra deste país, a partir do Movimento de Mulheres Negras por justiça social, emancipação, pelo bem viver, dos movimentos sociais e no legado do feminismo negro latino-americano, reconhecendo diálogos com outras formulações filosóficas e sociológicas, garantindo um verdadeiro “pensamento liminar” (MIGNOLO,2003).

Favorecendo fontes para contra narrativas e rupturas com o instituído e assim, perceber as ações de re-existência⁷ (PORTO-GONÇALVES,2006) das mulheres negras já que “a luta passou a ser pela sobrevivência, pelas tentativas de integração social, econômica e cultural, pelo direito de existir” (MARTINS,2020, pg.89).

REFERENCIAL TEÓRICO

Elas são sujeitas coletivas de práticas espaciais (SOUZA,2013) enegrecidas, interseccionais e feministas que lutam por justiça sociais para as populações subalternizadas e invisibilizadas em nossa sociedade moderna em colonialidade, pois, como nos aponta Valter Cruz (2014) que tais lutas sociais e coletivas devem ser pautadas para além das justiça sociais, como “também em lutas por uma justiça cognitiva, ou seja, uma luta pela democratização dos saberes e conhecimentos, bem como a valorização de outras matrizes epistêmicas que não são as do conhecimento científico ocidental” (CRUZ, pg.42,2014).

Por esse motivo, conceber as ações sociopolíticas, mobilizadoras, organizativas e insurgentes das mulheres negras é reescrever em perspectivas não hegemônicas (KILOMBA, 2019) as experiências vividas e construídas pelas mulheres negras organizadas politicamente que no Brasil e no mundo foram empurradas para a margem da sociedade (GONZALEZ,1984), e cabe salientar que, “mulheres negras estão na margem e estar na margem é fazer parte do todo, mas fora do corpo principal” (HOOKS, 2019). Nesta perspectiva, não basta só compreender esse processo e sim, intervir, criar juntamente a esse grupo social invisibilizado mudanças emancipatórias tendo em vista a justiça social neste espaço-tempo.

Isso, implica no que o geógrafo Benno Werlen (2020) sinaliza sobre as relações sociais no espaço devem “reconhecer a relevância das relações espaciais das sociedades”, já que, estas relações podem acarretar profundos conflitos políticos e de outras magnitudes, considerando assim, dimensões espaciais racialmente corporificadas no espaço, pelo Movimento de Mulheres Negras⁸ que corresponde um elemento identitário no sentido em que “no espaço se configuram formas, ações próprias de um determinado grupo ou indivíduo.” (SOUZA; RATTS,2008).

⁷ O termo “re-existências” como chave analítica para compreender a ação e o protagonismo de povos e comunidades que, com a preservação de suas formas de existência, resistem ao avanço predatório do capitalismo, foi proposto por Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006).

⁸ Movimento de Mulheres Negras brasileiras é formado por grupos heterogêneos cuja presença se movimenta em grande parte dos estados da Federação, compreendendo os Fóruns, Grupos e/ou coletivos, entidades e as Ong’s. Com o surgimento do Movimento de Mulheres Negras, em alguns estados, começaram a aparecer os fóruns estaduais de mulheres negras que, por sua vez, passaram a

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este trabalho é fruto da minha pesquisa de doutorado e se encontra em estágio de desenvolvimento e de profunda estruturação dos seus resultados. As atividades de campo já foram iniciadas e alguns resultados já estão disponíveis: como por exemplo as entrevistas semiestruturadas em conversas militantes realizadas com dezessete (17) representações do Movimento de Mulheres Negras da Região Metropolitanas do Estado Rio de Janeiro, como as da cidade do Rio de Janeiro, e de outros municípios como de Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Nilópolis, Mesquita, São João de Meriti, Beford Roxo, Itaboraí, Niterói, São Gonçalo, Magé, Maricá, Guapimirim. As conversas militantes foram em torno das histórias de vidas, trajetórias socioespaciais, as dimensões de lutas políticas, interseccionais, ações, construções, mobilizações das Marchas das Mulheres Negras do Rio de Janeiro (2015 a 2019), experiências vividas e caminhos futuros para o bem viver da população negra do estado e em particular para as mulheres negras

Os resultados destas conversas militantes ainda estão sendo analisados e intrinsecamente confrontados com teorias, narrativas políticas e olhares sobre as políticas públicas existentes para as populações negras e sobretudo para as mulheres negras que na sua totalidade em extremo consenso, as interlocutoras deste trabalho afirmam ainda não existir de forma efetiva, mas que logo após a I Marcha Nacional das Mulheres Negras em Brasília em 2015, há “ um avanço nas pautas das questões raciais e de gênero neste país” (conversa militante) e o “número de militantes e organizações negras sejam elas somente de mulheres negras ou mistas cresceram consideravelmente de lá pra cá “(conversa militante).

As participações em encontros de mulheres negras, fóruns sociais e políticos, reuniões para formulações da IX Marcha das Mulheres Negras do Rio de Janeiro para julho de 2023, foram primordiais para entendimento e compreensão das dinâmicas espaciais políticas, ações e mobilizações delas. Novas confluências de conhecimentos, narrativas, saberes foram observadas para além das entrevistas com as representações devido conversas informais no campo da pesquisa.

realizar seminários voltados à delimitação da agenda do movimento e à exigência de políticas públicas para a população negra a nível estadual. (RODRIGUES,2006).

As revisões bibliográficas de conceitos, categorias de análises estão sendo realizadas por meio de esforços acadêmicos, em buscas dos gestos metodológicos interseccionais capazes de responder as inquietações da pesquisa a partir do Movimento de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, que se estabelece no espaço de poder, justiça e desigualdade sob diferentes entrecruzamentos de opressões, injustiças estabelecidas na sociedade moderna em colonialidade. Assim, observando as políticas de escalas (SANTOS, 2015), e de como o movimento social se estabelece no espaço geográfico sobretudo por meio das interseccionalidades nos ajuda a conceber o espaço relacional (MASSEY, 2008) sobre diferentes entrecruzamentos de opressões, horizontalmente, como simultâneos e mensageiros uns dos outros.

Desta forma, compreendendo que as relações espaciais estabelecidas por meio da geografia estar atrelada, a partir de uma análise racial do espaço (GUIMARÃES, 2015) sob a perspectiva relacional de insurgência e re-existência cotidianas, destas intelectuais orgânicas que usam o capital coletivo, ancestral e emancipatório para outras formulações epistemológicas, metodológicas e conceituais na luta pela sobrevivência de sua população. Sugere-se que os resultados esperados estão em estruturação, porém, percebemos até aqui, estas experiências de lutas sociais e políticas, possuem horizontes para um pensamento descolonial na produção de outros conhecimentos, metodologias vinculadas à teoria e práticas espaciais para construção de uma geo-geografia descolonial advinda desse movimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas vivências interseccionais acumuladas do Movimento de Mulheres Negras por dentro de lutas históricas pela liberdade, justiça social e cognitiva, as mulheres negras através de um pensamento descolonial e pela geo-geografia descolonial de ruptura dos “conhecimentos” estabelecidos na Geografia como único e por metodologias outras de abordagens contra hegemônicas, desde dentro, interseccionais, antirracistas e pelo bem viver estabelecem alguns pactos civilizatórios e de existência pela vida como “você combinaram de nos matar e nós combinamos de não morrer”.

Este posicionamento coaduna juntamente com Catherine Walsh (2013), que devemos nos posicionar em práxis e pensamento, para construir outros conhecimentos plurais vindos do Sul, baseados na vida de luta, movimento e mudança nos continentes e que essas conformações gerem lugares de compromisso e de enunciação desses corpos políticos. Por meio de outras



perspectivas espaciais, partindo da afirmação das diferenças, a partir de escalas de ações incorporadas na busca de emancipação e pelo bem viver seja no Brasil como na América Latina, sob um horizonte geográfico que entendemos como, nossos passos que vêm de longe e vem construindo outras geo-grafias negras em movimento e descolonial.

Neste sentido, práticas espaciais reformuladas com estratégias-coletiva; na e mobilizadas por mulheres negras que são intelectuais orgânicas e possuem uma agenda política, social, cultural, de sentidos e poder, que se relacionam profundamente com o feminismo negro, como considera Patrícia Hill Collins (2001) que elas se reconhecem e as outras mulheres negras como sujeitas coletivas de conhecimentos, de teorias e práxis críticas; do uso da experiência vivida como critério de significação e ressignificação; do uso do diálogo e da escuta para avaliar o conhecimento; da ética e do cuidado, do afeto e da responsabilidade pessoal e coletiva; na busca de caminhos o resultado dessa interação racial e de gênero sob agendas de lutas políticas e sociais juntamente como processo, como construção e como resultado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHOLL, Timo. Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Ciclo I (saberes, territórios, movimentos). Rio de Janeiro: **Consequência**, 2018.

BORSANI, María Eugenia. História, memoria, y genocidio: lectura decolonial de la lógica moderna de exterminio. Bresciano, JA (comp.), La memoria histórica y sus configuraciones temáticas. Una aproximación interdisciplinaria, Montevideo, **Ediciones Cruz del Sur**, 2011

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: **Civilização Brasileira**, 2008.

COLLINS, Patrícia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000.

_____. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 2a ed. Nova York: Routledge, 2001.

_____. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o Encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, vol. 10, nº 1, 2002; pp. 171-187.

CRUZ, Valter. C. **Movimentos sociais, identidades coletivas e lutas pelo direito ao território na Amazônia**. In: Onildo Araújo da Silva; Edinuzia Moreia Carneiro Santos;

Agripino Souza Coelho Neto. (Org.). *Identidade, Território e Resistência*. 1.ed., Rio de Janeiro: **Consequência**, v. 1, 2014, p. 37.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Ciências Sociais Hoje*, 2 Movimentos Sociais Urbanos, Minorias Étnicas e Outros Estudos ANPOCS, 1984.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. *Revista crítica de ciências sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias Negras e Geografias Negras. **Revista da ABPN**, v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: “Geografias Negras” abril de 2020, p. 292-31.

_____. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal da Bahia–UFBA, Salvador, 2015.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**; tradução Rainer Patriota. – São Paulo: Perspectivas, 2019.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Patrícia. Aquilombar-se: Modos de existir e re-existir em coletividades pretas. **Caderno de resumos XI COPENE - Negras escritórias, interseccionalidades e engenhosidades**: 9 a 12 de novembro de 2020 Curitiba – PR, [recurso eletrônico] / Congresso Brasileiro de Pesquisadores(as) Negros(as), Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) – Curitiba, 2020.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais / Projeto globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas**, MS, v.1, n. 3, ano 3, mai., 2006. p. 05-26.

RODRIGUES, Cristiano Santos. **As fronteiras entre a raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do Movimento de Mulheres Negras**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTOS, Renato Emerson Nascimento; SOETERIK, Inti Maya. Escalas da ação política e movimentos sociais: o caso do Movimento Negro Brasileiro e a emergência de políticas educacionais de combate ao racismo. **GEOgraphia**, v. 17, n. 33, p. 69-97, 2015.



SILVA, M., & SILVA, J. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial.** Ponta Grossa: Toda Palavra, 2014, p. 333-354.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil.** Mauad Editora Ltda, 2021.

SOUZA, Lorena; RATTS, Alex. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia.** v. 28, n. 1, p. 143-156, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/4907> Acesso em: 22 maio 2023.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

WERLEN, Benno. **Ação, Conhecimento e Relações Sociais do Espaço.** GEOUSP Espaço e Tempo (Online), v. 24, n. 3, p. 634-659, 2020.